
Dossiê

HENRI LEFEBVRE E A DIALÉTICA DA TRÍADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO

Keidy Narely Costa Matias¹
GERAH-Lefebvre (UFRN)

RESUMO

Este texto apresenta algumas reflexões sobre a tríade “percebido-vivido-concebido”, desenvolvida pelo filósofo francês Henri Lefebvre. Deste autor, utilizamos dois livros, a saber, “Espace et Politique” (1972) e “La Production de l’Espace” (1974). A tríade lefebvriana é produtora e, ao mesmo tempo, influenciada pelo cotidiano; as três categorizações propostas, embora separadas, ocorrem concomitantemente na produção do espaço, seja ele percebido, vivido ou concebido. A partir dos dois livros citados, fazemos uma exposição sobre isto que Lefebvre denomina de “dialética da tríade”, e que nos ajuda a pensar a sociedade a partir das várias vicissitudes do cotidiano. Neste texto, apresentamos ainda algumas informações biográficas sobre Henri Lefebvre, situando-o como um filósofo neomarxista, profundamente influenciado pelos acontecimentos do século XX.

Palavras-Chave: Dialética da tríade; Percebido-vivido-concebido; Henri Lefebvre; A produção do espaço.

HENRI LEFEBVRE AND THE DIALECTIC OF THE TRIAD: CONSIDERATIONS ABOUT THE SOCIAL PRODUCTION OF SPACE

ABSTRACT

This article presents some reflections about the triad “Perceived-lived-conceived”, developed by the French philosopher Henri Lefebvre. We used two books by this author, namely, “Espace et Politique” (1972) and “La Production de l’Espace” (1974). The Lefebvrian triad is a producer and, at the same time, influenced by everyday life. The three categorizations proposed, although separated, occur concomitantly in the production of space, be it perceived, lived or conceived. From the two mentioned books, we make an explanation about what Lefebvre calls of “Dialectic of the triad”, and that helps us think society from the various vicissitudes of everyday life. In this text, we also present some biographical information about Henri Lefebvre, placing him as a neo-Marxist philosopher, enough influenced by the events of the twentieth century.

Keywords: Dialectic of the triad; Perceived-lived-conceived; Henri Lefebvre; The production of space.

¹ Mestre em História e Espaços pela UFRN; orientada pela Dra. Amadja Henrique Borges, estuda a produção do espaço na obra de Henri Lefebvre, por meio do grupo GERAH-Lefebvre.

Henri Lefebvre e a dialética da tríade

Introdução

Neste texto objetivamos discutir algumas vicissitudes da teoria da produção do espaço, conforme pensada por Henri Lefebvre. Para isto, faremos uma breve apresentação deste filósofo francês e, por conseguinte, de sua teoria da *produção do espaço*. A *dialética da tríade* de Henri Lefebvre é um conectivo que nos permite albergar a tripla conceituação do espaço que rege o tempo histórico mediante os conceitos de *percebido*, *vivido* e *concebido*. É importante demarcarmos que as três categorizações espaciais citadas se igualam em importância; uma depende da outra. Não existe uma convergência de dois espaços culminando em um mais importante, posto que no mundo em que vivemos e nas mais variadas situações, a tríade aparece em sua completude.

O espaço é, ao mesmo tempo, percebido, concebido e vivido. Nenhuma dessas dimensões pode ser imaginada como a origem absoluta, como “tese”, e nenhuma é privilegiada. O espaço é inacabado, assim, ele é continuamente produzido e isso está sempre ligado com o tempo (SCHMID, 2012, p. 102).

Em outras palavras, de acordo com a teoria lefebvriana, os três espaços, demarcadores da teoria da *produção do espaço*, não existem sozinhos e, portanto, não são independentes. Por outro lado, é possível estudar um espaço específico em detrimento dos outros dois – em outras palavras, podemos estudar o espaço *percebido*, relegando os espaços *vivido* e *concebido* a uma escala secundária. No entanto, dotar um espaço de proeminência não exclui a existência dos outros dois e, tampouco, atesta um maior grau de importância deste em relação àqueles, posto que em todas as situações esta tríade espacial é perceptível com a mesma acuidade. Em resumo, a produção do espaço se faz a partir do contato humano com o espaço; trata-se de uma produção mútua, os homens influenciando no espaço e este influenciando na sociedade.

Antônio Fernandes afirma que “porque não existe, em sentido próprio, natureza «bruta», ainda que haja mundo ‘selvagem’, analisar o espaço social é considerar, antes de mais, a maneira como a natureza é moldada pela atividade colectiva” (FERNANDES, 1992, p. 61). Esta percepção, na teoria lefebvriana, contribui com o seu próprio alargamento na medida em que o “feixe de possíveis”² propiciado pela produção do espaço não se fecha em uma materialidade. Ao contrário, abarca as dimensões concreta e abstrata. Tal ideia é consubstanciada por Roberto Luís Monte-Mór (2006), quando afirma que

[Henri Lefebvre é o] autor que mais avançou em assentar as bases da questão do espaço e da relação espaço-sociedade. Lefebvre talvez seja o único não-espacialista [...] que entendeu, escreveu a respeito e avançou com profundidade na ideia de que o espaço é o elemento central de estruturação da sociedade, e particularmente da sociedade contemporânea (MONTE-MÓR, 2006, não paginado).

² Expressão de Oliver Corpet para se referir à proficuidade da obra lefebvriana (1991 *apud* LUTFI; SOCHACZEWSKI; JAHNEL, 1996, p. 87).

A criatividade do pensamento lefebvriano se insere na guinada caracterizadora dos estudos marxistas que tem como marco a década de 1970. Este fato aventa a definição de Monte-Mór (2006) no sentido de ser Lefebvre um filósofo neomarxista. Tal denominação é oriunda da inventividade na qual Lefebvre insere as mais variadas proposições sobre o mundo, especialmente, a partir daquilo que “chama de dialética da tríade, que é pensar uma dialética para além dos dois termos; seja articulando três elementos, como, por exemplo, espaço, tempo e sociedade; seja articulando os dois elementos opostos da dialética e um terceiro elemento resultante, mas que não se esgota e se mantém como terceira questão” (MONTE-MÓR, 2006, não paginado).

Espaço e sociedade são, pois, duas categorias que possuem intensa afinidade, mas não são tão harmônicas como, amiúde, imagina-se. Entre a sociedade “e seu espaço [...] há descompassos: ideologias se intercalam, ilusões se interpõem” (LEFEBVRE, 2013, p. 126). Essas desarmonias se constituem em um dos cerne do pensamento de Henri Lefebvre nos seus escritos sobre espaço. Falamos em *um dos cerne* porque a extensa obra lefebvriana abarca inúmeras outras temáticas, e.g., vida cotidiana e sociologia rural. No que se refere ao espaço, Lefebvre o interpreta como algo consideravelmente instável, não somente por ser palco de lutas, mas, sobretudo por ser o elo entre “o mental e o cultural, o social e o histórico” (idem, p. 126).

Na medida em que se porta como elo entre essas complexas categorias, o espaço pode ser interpretado como uma produção social. O espaço é social, ou seja, “‘incorpora’ atos sociais, as ações de sujeitos tanto coletivos quanto individuais, que nascem e morrem, padecem e atuam” (LEFEBVRE, 2013a, p. 93). Esta concepção supera os antigos paradigmas matemático e filosófico que concebiam, respectivamente, o espaço de maneira restrita aos pontos de vista euclidiano e kantiano (LEFEBVRE, 2013).

No melhor dos casos, o espaço era tido como um meio vazio, contentor indiferente ao conteúdo, mas definido segundo alguns critérios não formulados: absoluto, óptico-geométrico, euclidiano-cartesiano-newtoniano. Se fossem admitidos “espaços”, eles seriam reunidos em um conceito cujo alcance permaneceria mal determinado. A noção de relatividade, mal assimilada, estabelecia-se à margem do conceito, das representações e, sobretudo, do cotidiano, consagrados à tradição (o tridimensional, a separação entre o espaço e o tempo, o metro e o relógio etc.) (LEFEBVRE, 2013, p. 123).

As interpretações de Henri Lefebvre sobre o conceito de espaço superam a noção de algo vazio ou simplesmente de quaisquer outros elementos de natureza geométrica e, sobremaneira, alçam o espaço a uma categoria que ultrapassa o campo da superestrutura, ou seja, suas ideias transcendem a “estrita tradição marxista” (LEFEBVRE, 2013, p. 125). Tal concepção, contudo, não deve jamais ser confundida com qualquer proposta de superação dos conceitos marxistas – “Marx e Lefebvre tomam caminhos diferentes” (JAHNEL; LUTFI; SOCHACZEWSKI, 1996, p. 92) em muitas de suas ideias, mas o primeiro continua sempre a ser objeto de estudo do segundo. “Lefebvre

Henri Lefebvre e a dialética da tríade

tem presente, e recusa, um Marx falsamente acabado, posticilmente concluído, fetichizado” (MARTINS, 1996, p. 13).

Em outras palavras, a produção lefebvriana investiga um Marx “inconcluso”, utilizando-nos da adjetivação proposta por José de Souza Martins (1996, p. 14); ou seja, Lefebvre não quer preencher as lacunas do pensamento marxista, mas sim realizar suas próprias análises, criticar e se contrapor às múltiplas e majoritárias interpretações vulgares da obra de Marx. Esta ideia é discutida por Ana Fani Alessandri Carlos (2011, p. 2; grifo nosso), quando realça que, para Lefebvre, “se caracterizar como marxista significou [...] uma busca pela leitura crítica da obra de Marx, visando um *prolongamento* de seu pensamento”. Concordamos com Roberto Luís de Melo Monte-Mór, quando afirma que “Lefebvre resgata de Marx a questão da alienação, mas a coloca no espaço, no território, e dá ao espaço uma dimensão fundamental. Ele diz: ‘não há realidade social inespacial’; qualquer realidade social é, por definição, espacial” (MONTE-MÓR, 2006, p. 01-02).

Discutindo este *prolongamento* que Lefebvre fez da obra de Marx, José de Souza Martins (1996, p. 14) acentua que “o pensamento de Marx não era binário, [...] e sim triádico”. Cabe assinalar que “muitas designações metafóricas contidas na obra de Marx foram fetichizadas pelos seus vulgarizadores e transformadas em conceitos” (MARTINS, 1996, p. 16), inclusive um dos mais conhecidos, aquele de “modo de produção”, que o próprio Marx trata como “um modo de fazer, mais no sentido de um procedimento cultural do que no de uma referência estrutural” (idem, p. 16). Ao prolongar criativamente o pensamento marxista, “Lefebvre retorna [...] a um Marx da História, personagem, pensador, homem de luta, de incertezas e não de certezas. E não a um Marx acima da História, supra-histórico. O Marx que Lefebvre encontra em sua minuciosa busca é um Marx mortal, como qualquer um de nós” (idem, p. 14).

Henri Lefebvre

Henri Lefebvre nasceu na França, no ano de 1901; dedicou-se ao estudo de diversas áreas – como a sociologia – tendo sua formação acadêmica na área de filosofia. Consideradas as relações interdisciplinares desses saberes, Lefebvre produziu mais de setenta livros e inúmeros artigos sobre variados temas; não é possível liberar a produção de qualquer autor do contexto social que o norteia e, com Lefebvre, esta relação – que Michel de Certeau (1982) chama de “lugar social” – parece ainda mais intensificada: Lefebvre é um autor que aliou a teoria com a práxis em uma dimensão talvez comum naquele contexto francês do século XX, mas de certa forma incomum para a maioria dos pensadores de hoje – produzia ideias no campo teórico, mas não deixava de participar intensamente das ações práticas oriundas de tais reflexões. Talvez por isto, tenha feito “muitos

inimigos políticos, resultado da sua luta contra o dogmatismo no interior do Partido Comunista Francês, mas [fez] também adversários no mundo acadêmico, principalmente entre filósofos, sociólogos e historiadores” (SOTO, 2013, p. 25). Ao mesmo tempo, era respeitado e respeitava seus colegas, estimulando um profícuo debate de ideias entre intelectuais de correntes teóricas diferentes.

[Lefebvre] participou dos principais debates do Século XX. Viveu as duas grandes guerras, foi testemunha da revolução bolchevista e da ascensão do fascismo. Nos anos vinte, funda junto com Norbert Guterman, Georges Politzer e Georges Friedmann, a revista *Philosophies*. Esta revista é considerada hoje, por alguns estudiosos como uma espécie de prelúdio do existencialismo, da fenomenologia, a psicanálise e a ontologia (SOTO, 2013, p. 24).

Em acréscimo à citação disposta acima, Henri Lefebvre e Anatole Kopp criaram ainda a revista *Espaces et Sociétés*. Percebemos, portanto, que a considerável produção lefebvriana se confunde com o século XX mediante seus conflitos e movimentos – dentre os quais se destaca o engajamento de Lefebvre no seio do Partido Comunista Francês. Com isto queremos tão somente intensificar que a extrema preocupação de Lefebvre com a inclusão da ação social na interpretação de quaisquer processos históricos é indelével. O espaço e os seus habitantes se produzem mutuamente. Esta perspectiva, que nos é naturalmente transmitida nos estudos que se fazem atualmente sobre espaço, não era tão óbvia quando da época de sua produção e, mesmo hoje, o estudo da obra lefebvriana permite um sem número de interpretações, de ideias e de teorizações que, se por um lado, podem criar conceitos não concebidos pelo autor, por outro demonstram o valor incontestado de sua obra.

A práxis de Lefebvre aparece em sua obra e se coloca intrínseca a sua teoria da produção do espaço; o homem produz a partir de suas ações que, por sua vez, são oriundas da tríade *percebido, vivido e concebido* (LEFEBVRE, 2013a), realçando a ideia de troca entre espaço e habitante. Em resumo, são mais de setenta livros e mais de cem artigos sobre assuntos diversos, aliados às suas intensas vivências no século XX, nas dimensões política, coletiva e pessoal, que bem podem ser tomadas como metáforas para a inseparável tríade espacial: vivido-percebido-concebido. Naquilo que diz respeito à “teoria da produção do espaço”, Christian Schmid (2012) sugere que “a problemática sobre o espaço” não ocupava um campo central de debates na década de 1970. Essa ideia é observada por Lefebvre, em 1985, no prefácio à segunda edição de “A Produção do Espaço”, uma de suas obras paradigmáticas, originalmente lançada em 1974. Christian Schmid sintetiza esta explicação afirmando que

A “virada espacial” tem tomado as ciências sociais e as questões sobre o espaço têm recebido grande atenção, estendendo-se para além da Geografia. Na essência, isto está ligado aos processos combinados de urbanização e globalização: novas geografias se desenvolveram em todas as escalas. Essas novas configurações espaço-temporais que determinam o nosso mundo clamam por novos conceitos de espaço correspondentes às condições sociais contemporâneas (SCHMID, 2012, p. 89-90).

Henri Lefebvre e a dialética da tríade

Constantemente levamos em conta o “simbólico” sem muitas vezes percebermos a materialidade que se esconde por trás. A importância fulcral da teoria lefebvriana se insere também nesta proposição: pensamos que uma separação dicotômica entre as formas de enxergar a sociedade e sua cultura se insere no campo das interpretações vulgares e fetichizadas e não são acolhidas por Lefebvre; o que Henri Lefebvre criativamente nos propõe, pautado na tríade fundamental *Hegel-Marx-Nietzsche*, é que o

espaço (social) é um produto (social). Para entender esta tese fundamental, é necessário, antes de tudo, romper com a concepção generalizada de espaço, imaginado como uma realidade material independente, que existe em “si mesma”. Contra tal visão, Lefebvre, utilizando-se do conceito de produção do espaço, propõe uma teoria que entende o espaço como fundamentalmente atado à realidade social – do que se conclui que o espaço “em si mesmo” jamais pode servir como um ponto de partida epistemológico. O espaço não existe em “si mesmo”. Ele é produzido (SCHMID, 2012, p. 91).

Contemporaneamente, com a virada espacial, é demasiado evidente que o espaço não existe sem o homem. As discussões lefebvrianas ultrapassam essa premissa *per se* complexa – embora muitas vezes genericamente simplificada – “produção significa também e sobretudo criação. Criação de obras (tempos e espaços incluídos) pelos e para os homens nas e pelas quais possam realizar e reconhecer a trajetória da formação do *ser* humano” (MONDARDO, 2010, p. 195). A visão de Lefebvre supera uma enrijecida concepção do conceito de *espaço*, ainda em voga na década de 1970 e, sobretudo, demonstra que o *conflito*, conceito central à abordagem marxista, transborda a perspectiva econômica, material e superestrutural. O homem é quem produz o espaço; logo o espaço é uma produção oriunda da concretude da vida em seus múltiplos domínios; as ideias de Lefebvre, portanto, são diferentes daquelas euclidianas e kantianas e, em adição, são ainda *inspiradas* e *destoantes* da tríade Hegel-Marx-Nietzsche; bem como são influenciadas, em menor grau, é verdade, pela fenomenologia francesa, por meio de Martin Heidegger (1889-1976), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Gaston Bachelard (1884-1962) (SCHMID, 2012).

A produção do espaço

Na construção de sua teoria, Henri Lefebvre propõe que a produção do espaço é formada por uma tríade que engloba a *prática espacial* (percebido), as *representações do espaço* (concebido) e os *espaços de representação* (vivido). Essa ordem, contudo, não é enrijecida, haja vista que a tríade espacial lefebvriana abarca as três categorias em movimento ao mesmo tempo, portanto, podem ser dispostas de quantas maneiras forem possíveis. O *percebido*, o *vivido* e o *concebido* se entrelaçam dentro de uma mesma sociedade. (Lefebvre, 2013a). Entendemos que esta lógica pode ser aplicada a qualquer sociedade na medida em que consideramos que o homem interage com o espaço,

produzindo-o e sendo diretamente influenciado por ele – o espaço – em seu desenvolvimento individual e coletivo. “Essa tríade é, ao mesmo tempo, individual e social; não é somente constitutiva da autoprodução do homem, mas da autoprodução da sociedade. Todos os três conceitos denotam processos ativos individuais e sociais ao mesmo tempo” (SCHMID, 2012, p. 102).

O espaço percebido é a identificação (percepção) da manifestação da natureza; esta identificação é feita por meio de uma ação coletiva. O espaço percebido é denominado também de prática espacial. “A prática espacial de uma sociedade secreta seu espaço; ela o postula e o supõe em uma interação dialética: o produz lenta e serenamente, dominando-o e apropriando-se dele. [...] A prática espacial de uma sociedade se descobre ao decifrar seu espaço” (LEFEBVRE, 2013a, p. 97). O “espaço percebido” é aquele “da percepção comum à escala do indivíduo e de seu grupo, a família, a vizinhança” (LEFEBVRE, 2008, p. 36). Angelo Serpa (2005, p. 222) acentua que “o espaço percebido está relacionado diretamente aos objetos e aos fenômenos imediatos, carecendo de elaborações simbólicas de cunho complexo. É o campo dos perceptos, embora haja, já aí, o início da incorporação dos objetos e dos fenômenos às estruturas cognitivas”.

A natureza é percebida pelo homem que, a partir disso, vive-a e, finalmente, concebe o seu mundo. Em outras palavras, por trás de um mundo metafísico existe uma concretude oriunda do espaço e das relações humanas nele percebidas e vividas; o homem elabora seu mundo a partir da atribuição de significado àquilo potencialmente significante; tal atribuição é albergada pela natureza sensitiva do espaço percebido. Interessa destacar que essa interpretação não contempla a natureza como produtora de uma realidade – seja concreta ou mítica –, e sim a considera como um espaço constantemente lido, observado e percebido e que, por isso, influi nas relações sociais na medida em que, igualmente, é produzida pelos homens.

Percepção é um conceito central da fenomenologia. Como um sujeito percebe uma imagem, uma paisagem, um monumento? Evidentemente a percepção depende do sujeito: um camponês não enxerga “sua” paisagem da mesma forma que um morador da cidade desfruta um passeio por lá (LEFEBVRE, 1991, p. 113 *apud* SCHMID, 2012, p. 101). Todavia, a atitude de Lefebvre em relação à versão fenomenológica da percepção é um tanto cética. Por isso, ele a combina com o conceito de prática espacial para mostrar que a percepção não acontece apenas na mente mas se baseia numa materialidade concreta e produzida (LEFEBVRE, 1991 *apud* SCHMID, 2012, p. 101).

“As representações do espaço, ou seja, o espaço concebido, [é] aquele dos cientistas, dos planejadores, dos urbanistas, dos tecnocratas fragmentadores, engenheiros sociais e até o de certo tipo de artistas próximos da cientificidade, todos os quais identificam o vivido e o percebido ao concebido” (LEFEBVRE, 2013a, p. 97). Lefebvre (2013a, p. 97) acentua que é este o espaço “dominante em qualquer sociedade”. “O espaço concebido é símbolo que carece de perceptos, que

Henri Lefebvre e a dialética da tríade

busca se incorporar às estruturas cognitivas sem a legitimação das práticas espaciais cotidianas, influenciando, porém, diretamente nos espaços de representação” (SERPA, 2005, p. 222). Na medida em que as *representações do espaço* influem nos *espaços de representação* se torna sistemática a necessidade de interação entre as três categorias espaciais.

O espaço concebido é “um ato do pensamento” (SCHMID, 2012, p. 102); essa ação do pensamento é também produtora; construtora. Essa construção se dá a partir do concreto. O espaço é concebido tanto em sua dimensão mais palpável quanto no conjunto de signos que forma o espaço simbólico. Dessa maneira, as duas categorizações – o percebido e o concebido – se entrelaçam.

Imprescindível à compreensão disto que propomos é a exposição da relação entre *natureza e produção*; é nisto que reside *também* a diferença entre *obra* e *coisa*, pelo que se explica o conceito de *produção*.

O que [a natureza] cria são obras: têm algo de único não obstante seu pertencimento a um gênero e a uma espécie: a árvore, a rosa, o cavalo. A natureza se apresenta como o grande território dos nascimentos. As “coisas” nascem, crescem, amadurecem e morrem. Sob estes termos se oculta uma realidade infinita. Violenta, generosa, avara, abundante, sempre aberta, a natureza implanta suas forças. O espaço-natureza não corresponde a uma representação. Não tem sentido perguntar a razão porque não há: a flor não sabe que é flor, nem a morte a quem visita. Ao acreditar-se no termo natureza, com seu antigo prestígio metafísico e teológico, o essencial tem lugar em profundidade. Quem diz “natureza” está afirmando espontaneidade (LEFEBVRE, 2013a, p. 127).

Em outras palavras, “a natureza cria e não produz; provê recursos para uma atividade criativa e produtiva do homem social”; “a ‘natureza’ não pode operar seguindo a mesma finalidade do ser humano” (LEFEBVRE, 2013a, p. 127). Lefebvre (2013a, p. 127) faz referência a Angelus Silesius para se explicar, utilizando-se da seguinte ideia: “uma árvore, uma flor, um fruto não são, de modo algum, ‘produtos’, nem sequer em um jardim. A rosa não tem um porquê, floresce porque floresce. ‘Não se preocupa em ser vista’”. A natureza cria obras sem fazer uso do trabalho, distintamente do homem que, por sua vez, cria e produz na medida em que lança mão de seu poder no que concerne à “fabricação de produtos” (idem, p. 127). Ou seja, a natureza não produz coisas, posto que produção requer trabalho, ação coletiva ou individual do homem. A flor e o fruto advindos da natureza são obras que independem da ação criadora do homem; portanto, pensar sobre a natureza é, sobretudo, considerar esta ideia de espontaneidade.

“Os espaços de representação, ou seja, o espaço vivido através das imagens e dos símbolos que os acompanham e, por conseguinte, o espaço dos ‘habitantes’, dos ‘usuários’, mas também de certos artistas e talvez romancistas e filósofos que descrevem e somente aspiram descrever” (LEFEBVRE, 2013a, p. 98), é o “espaço dominado, isto é, passivamente experimentado, que a imaginação deseja modificar e apropriar. Sobrepõe-se ao espaço físico utilizando simbolicamente seus objetos, por conseguinte, esses espaços de representação mostrariam uma tendência [...] para

sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não-verbais” (idem, p. 98). Trata-se do “lôcus dos processos cognitivos e das representações sociais. É o espaço das mediações e da interlocução entre o percebido e o concebido” (SERPA, 2005, p. 222).

O espaço vivido é, portanto, aquele ligado à ação dos homens diante de seu espaço. É neste espaço que se dão “os conflitos e as lutas” (SERPA, 2005, p. 222). Outrossim, este é o campo da vida cotidiana; daqueles que interpretam o espaço, apropriando-o de acordo com as suas vicissitudes. Christian Schmid (2012, p. 101) atenta que “o conceito de vivido (*le vécu*) também revela um ponto de referência fenomenológico. Lefebvre entende que o vivido não pode ser compreendido historicamente sem o concebido”. O espaço vivido é também produto da experiência obtida no espaço percebido; é nesse sentido que o espaço vivido se porta como uma produção social a partir daquilo que fora percebido. Trata-se do “mundo assim como ele é experimentado pelos seres humanos na prática de sua vida cotidiana” (SCHMID, 2012, p. 102). Desta ideia se depreende que não há espaço concebido alheio à concretude da vida. Em outras palavras, mesmo o espaço percebido e aquele concebido não são produtos de outra coisa senão da sociedade. O espaço vivido é o lugar dos conflitos, donde se pratica ou não aquilo que fora percebido, em que se pese o fato de que mesmo a negação de determinada prática não deixa de ser uma influência do percebido sobre o vivido.

O espaço vivido é aquele onde as transformações, os conflitos e as revoluções acontecem; onde se pratica e se nega o percebido. Em outras palavras, na cotidianidade do espaço vivido é que as pessoas podem ou não adotar certas práticas. É neste sentido que negar se submeter aos efeitos de uma propaganda e fugir de determinadas tentativas de normatividade são exemplos de como – até pela negação – o percebido influi no concebido.

Considerações finais

As três categorias propostas por Henri Lefebvre sobre a produção do espaço conferem centralidade às pessoas. O espaço deixa de ser visto como algo vazio e ganha a dimensão de algo concomitantemente produzido e produtor. As inúmeras contradições inerentes à tríade lefebvriana formam o espaço diferencial, ou seja, o espaço das contradições – fundamental à produção da história. Lefebvre entende o espaço como algo repleto de contradições e de multiplicidades – portanto, não se trata de algo homogêneo. Essas contradições, no entanto, não anulam a totalidade do espaço, vista por Lefebvre como algo fundamental à superação de algo constantemente criticado em suas obras, a saber, a ciência parcelar. Em resumo, o espaço se explica a partir da multiplicidade de sentidos proposta pela dialética da tríade.

Henri Lefebvre e a dialética da tríade

O pensamento de Henri Lefebvre conferiu uma criativa abordagem às teorias marxistas, de modo que esta inovação se insere na guinada protagonizada pelos estudos sobre o espaço durante o século XX. Esta abordagem, por um lado, permite um alongamento das teorias marxistas – como tratado no decorrer do texto – e, por outro, contribui para que a interpretação do espaço como algo eminentemente social se torne cada vez mais arraigada na sociedade. Henri Lefebvre nos ajuda a perceber que o *concebido* nem sempre é pensado para o *vivido*, denunciando a falta de relação entre teoria e práxis e, por conseguinte, a falta de apropriação do espaço que o *concebido* – quando realizado de maneira separada do *vivido* – inevitavelmente propicia. O *percebido*, por sua vez, produz em duas vias a *alienação* e a *apropriação*.

Neste sentido é que quando nos negamos a agir de forma normativa, estamos também nos apropriando do espaço e, com isto, vencendo – no *vivido* – a alienação do *percebido*. Lefebvre nos ajuda a pensar sobre o mundo com demasiada utopia – uma utopia não platônica –, que nos instiga a enxergar nas relações sociais um *feixe de possíveis* que não separe, de maneira dicotômica, o que se deseja daquilo que se pratica. Neste sentido é que a utopia, para Lefebvre, é um objetivo cotidiano que deve nortear a vida e, ao mesmo tempo, ser perseguida pelos homens.

Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade na obra de Henri Lefebvre** (Transcrição de Keidy Matias/GERAH-LEFEBVRE). Conferência de abertura do I Colóquio O Espaço do Habitat na Obra de Henri Lefebvre: do Rural ao Urbano, Natal/RN, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FERNANDES, António Teixeira. O espaço social e suas representações. Porto: **VI Colóquio Ibérico de Geografia**, [Online]. 1992. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6661.pdf>>. Acesso em: 27/7/2016.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013a.

_____. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

_____. Prefácio – A produção do espaço. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 27, n. 79, 2013.

JAHNEL, Teresa Cabral; LUTFI, Eulina Pacheco; SOCHACZEWSKI, Suzanna. As representações e o possível. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à Dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINS, José de Souza (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à Dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONDARDO, Marcos Leandro. Lefebvre, Henri. Espaço e política (Resenha do livro “Espaço e Política”, de Henri Lefebvre). **Boletim goiano de geografia**. Goiânia, v. 30, n. 1, 2010.

NORUS – v4, n.6, jul – dez 2016.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. **O cotidiano e a produção do espaço** (Transcrição de Felipe Gontijo), [Online]. 2006. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_eventos/coloquio2006/palestras/monte-mor.htm>. Acesso em: 01/11/2016.

SCHMID, Christian. A Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, n. 32, 2012.

SERPA, Angelo. Por uma geografia das representações sociais. **OLAM - Ciência & Tecnologia**. Rio Claro/SP, Brasil, v. 5, n.1, 2005.

SOTO, William Héctor Gómez. O pensamento crítico de Henri Lefebvre. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá, v. 1, n. 140, 2013.